

FERREIRA, Alberto — Realidade e Real, Porto, Editorial Inova, 1971, 255 pp.

São muito poucos os grandes ensaístas gerais da Literatura em Portugal. De relance podemos lembrar os nomes de Alberto Ferreira (*Diário de Édipo*), Eduardo Lourenço (*Heterodoxia*), Vergílio Ferreira (*Invocação ao meu Corpo, Carta ao Futuro, Espaço do Invisível, Do Mundo Original*), Fernando Guimarães (*Do Neo-Realismo à Presença*), Jacinto do Prado Coelho (*A Letra e o Leitor*), António José Saraiva (*Para a História da Cultura em Portugal*).

Nesta oportunidade, vamos nos debruçar com alguns ensaios filosóficos, que superam o abstrato da abordagem, para se inserir numa perfeita adesão à vida, embora de menos intensidade do que ocorre em *Diário de Édipo*. Se aqui, Alberto Ferreira é um ensaísta, um poeta, um criador de ficção, em *Realidade e Real* ele é, pelo afastamento frio, para analisar a realidade, realmente um filósofo.

Se em *Diário de Édipo*, havia evidente um “Eu” (muitas vezes poético) que adería à realidade crida, aqui o afastamento é consciente, num sentido de impersonalização do fato:

Quem há hoje, que escute o filósofo? Quem há aí que espere a salvação pela filosofia? Quem há que procure a verdade tranquilizadora pela vida da filosofia?

O livro enfim, tenta uma renovação na revalorização da filosofia, como tentativa de situar o ser como ser no mundo, numa rehumanização de toda necessidade.

Para Alberto Ferreira, a filosofia se mostra como sendo o processo e integração no mundo, onde o homem constantemente se interroga na busca de uma solução, e este interrogar-se e responder-se é uma maneira de evoluir, de crescer.

O homem interroga constantemente. Tem o direito e o dever de interrogar de vários modos. Só não interroga, como disse alguns José Marinho, quem se julga senhor absoluto da verdade. Mas ao interrogar, ao que parece, implica dar um determinado sentido a interrogação. Por outros termos: joga primordial papel o “sobre que interrogamos”.

No capítulo “A Filosofia, filha do tempo”, Alberto Ferreira tece considerações, que lembram Jean Claude Renard quando afirma “que o poeta escreve o seu poema” e o “poema escreve o seu poeta”, pois nesta mesma linha de idéias, podemos afirmar que para A.F. o filósofo escreve sua filosofia, e a filosofia escreve seu filósofo. Basta assinalar o que aparece à página 157:

Com inteiro fundamento adverte Feuerbach: "Tal filosofia, tal filósofo". E inversamente: "São as qualidades do filósofo, as "condições" e os "elementos subjetivos da filosofia, que constituem também as suas condições e elementos objetivos", aqui citando o autor de *Manifestes Philosophiques*, PUF, 1960, p. 117.

Embora, este seja um livro de ensaios filosóficos, desde o início de sua leitura, já supúnhamos que deveria aparecer alguma aderência do sentimento e da realidade sensorial, como propugnador do conhecimento filosófico. Isto pensávamos, depois de atentar à releituraque nos propussemos, de *Diário de Édipo*. Era difícil aceitar, que depois desta obra de franca adesão à realidade humana no plano do sentimento, das sensações, da idéia, em *Realidade e Real*, A.F. pudesse se tornar um racionalista em essência. E não quero deixar de acentuar a tendência geral do português, de que não foge A.F. de vibrar no plano da emoção com o que seja a idéia, ou as idéias. É por isso, que não nos surpreendemos com afirmações como:

A representação conceptual dos sentimentos e vivências humanas não é a sua representação imagística ou não corresponde às formas comuns de expressão imagética da vida afetiva. O conceito ao representar a "afetividade" despoja-se da emoção para a poder representar, predominantemente, como forma indicativa. A conceptualização da vida anímica do sujeito é uma forma de conhecimento e não uma forma poética ou mítica. A emoção artística só representa, de fato, a vida afetiva quando se despoja do seu elemento dinamizador: a própria emoção. Por isso, em rigor, a linguagem artística do drama poético transfigura a realidade, e simboliza-a. (p. 198-199).

e como:

A vida humana não é somente idéia, não é só pensamento. Mas é primordialmente pensamento banhado de paixão. Não há revolução de idéias só porque um filósofo empreende essa revolução na sua cabeça. Ele tem de comunicar paixão ao que projeta. Quando a revolução filosófica começa, comunica-se a todos as vertentes da vida. Inspirados, os homens movimentam-se, discutem, acreditam, demonstram, equivocam-se, apaixonam-se. Se a paixão é revolucionária, se nas suas entranhas palpita a vida futura, nesse caso — e só nesse caso — a paixão serve à filosofia. (p. 164)

Outros temas, importantes como o relativo ao que vale e porque vale o homem, a "consciência e o pensamento", "o diálogo com a imagem da realidade", "a razão e a fantasia", "a filosofia, filha do tempo", "filosofia e ideologia", "conceito, objeto e palavra", "poética e filosofia", "antologia e axiologia", "transcendência", "ser e dever ser", "o estável e o instável", "que nos é o presente?", e outros de real interesse e ligados ao ensaísmo filosófico de caráter mais aberto."

O capítulo "ontologia e axiologia", é talvez dos mais sugestivos, quando o ensaísta se interroga (e também nos interroga) e que afinal, repõe o problema da finalidade do homem enquanto ser e em "situação":

Mas o que vale no homem? A sua vida? O seu pensamento?
A sociedade que ele próprio constrói, venera ou transforma?
A ação do homem?

E aqui está a minha resposta, ao diálogo que você propôs no prefácio do livro, meu caro Alberto Ferreira, ao diálogo que você nos propõe para agora e para sempre. É realmente necessário repor o homem no homem, partir para um novo humanismo, que é sempre novo para cada nova época, repensar nossos valores (se inda o são para nós). Apenas uma sugestão, meu caro Alberto Ferreira: um pouco mais de ênfase na paixão, no sangue à idéia, que seria enormemente benéfico, sim, porque a idéia só é idéia em nós (como elemento diferenciador e valorizador da criatura), enquanto se resolve numa emoção de vivê-la o que resulta dizer que ela é idéia enquanto é emoção ou que ela é enquanto emoção-ideia. Acabada a emoção, também a idéia se esvai. É esta a primeira parte da minha resposta ao diálogo que tão enfaticamente você propõe, meu caro autor.

Obra fundamental para os que ainda cultivam a verdadeira filosofia (afinal há que ter uma pela vida e para a vida). *Real e Realidade* recoloca para Portugal, a importante função do pensar, e com ele evoluir e crescer e superar valores e portanto atualizar-se no que este termo apresenta de mais expressivo e autêntico, sob pena de morrermos ainda que nos sintamos vivos. Que é urgente a leitura deste livro, me parece afinal o óbvio. Portanto, paremos por aqui.

JOÃO DECIO